III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento

20 a 22 de outubro de 2014

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

EPH0331

LINGUAGEM E ESCOLA: INSTRUMENTOS DE CONSERVAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO SOCIAL?

GUSTAVO HENRIQUE DE TOLEDO FERREIRA
LARISSA CRISTINA DOS SANTOS MONTEIRO
gustavoh.ferreira@outlook.com
LETRAS (LICENCIATURA) PORTUGUÊS/INGLÊS, PORTUGUÊS/ESPANHOL; PORTUGUÊS/LITERATURAS NOTURNO
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

ORIENTADOR(A)
SILVIO LUIZ DA COSTA
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

RESUMO

Fruto de reflexões desenvolvidas nas reuniões do Grupo de Estudos em Filosofia e Ciências Sociais (GEFICS) da Universidade de Taubaté, esta pesquisa focaliza o desafio da linguagem, enfrentado pelos professores desde que, com a ampliação do acesso, a escola pública passou a acolher e a contar com uma variedade linguística. O objetivo da pesquisa é, após a identificação do desafio da linguagem, encontrar não uma resposta pronta, mas um caminho que direcione o professor e conscientize-o de seu papel. A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica de textos da área da Sociologia da Educação. Dos primeiros resultados, pudemos perceber que o domínio sobre a linguagem já foi entendido como dom; o fracasso em relação a ela já foi explicado pela ideologia da deficiência linguística, que considera a linguagem utilizada pelas camadas populares deficiente em relação à das camadas favorecidas; o mesmo fracasso foi ainda atribuído à questão da diferença linguística, ideologia segundo a qual o aluno têm seu sucesso escolar frustrado pelo fato de sua linguagem ser diferente daquela valorizada pela escola. Pierre Bourdieu, por sua vez, ao explicar a relação entre linguagem e escola, lança mão de uma abordagem sociológica (em vez de sociolinguística), segundo a qual a linguagem integra o chamado capital cultural. Para este autor, capital cultural consiste na herança cultural trazida pelos indivíduos, que se manifesta na afeição (maior, menor, inexistente) para com a cultura tida como privilegiada: o conhecimento da música privilegiada, da literatura privilegiada, das obras de arte e, também, o domínio da linguagem culta. A cultura transforma-se em capital, em moeda a ser trocada no mercado simbólico. Nesse jogo, beneficiam-se os indivíduos oriundos das camadas favorecidas, os quais, normalmente, trazem de casa esses conhecimentos que são os valorizados pela escola. Para Bordieu, a escola, ao valorizar a linguagem familiar das camadas favorecidas, contribui para a conservação social, pois a desvalorização da cultura das camadas populares dificulta o sucesso escolar e a mobilidade social dos menos favorecidos socialmente. Diante desse diagnóstico reprodutor, uma abertura é oferecida por Magda Soares, para quem a escola não é nem redentora nem impotente, mas um espaço social no qual pode haver a atuação de forças progressistas. Para as camadas populares, a escola pode ser o local em que se adquire os instrumentos necessários à luta contra a desigualdade social. Nesse contexto, aprender a linguagem culta não seria mera imposição caprichosa da escola, mas a aquisição de um instrumento para uma participação mais efetiva no processo de transformação social. Concluímos que ao professor cabe estar consciente de seu papel político e assumir como sua função a instrumentalização das camadas populares por meio de um ensino eficiente, no sentido de oferecer a elas maiores condições de participação política e cultural. O professor da escola transformadora, apresentada por Magda Soares, não rejeita a linguagem falada por seus alunos e, também, não compreende o domínio da linguagem culta pelas camadas populares como adaptação às exigências da sociedade. Ele capacita seus alunos, fornece-lhes um instrumento (o domínio da linguagem culta) para a luta contra a desigualdade e para a transformação social.